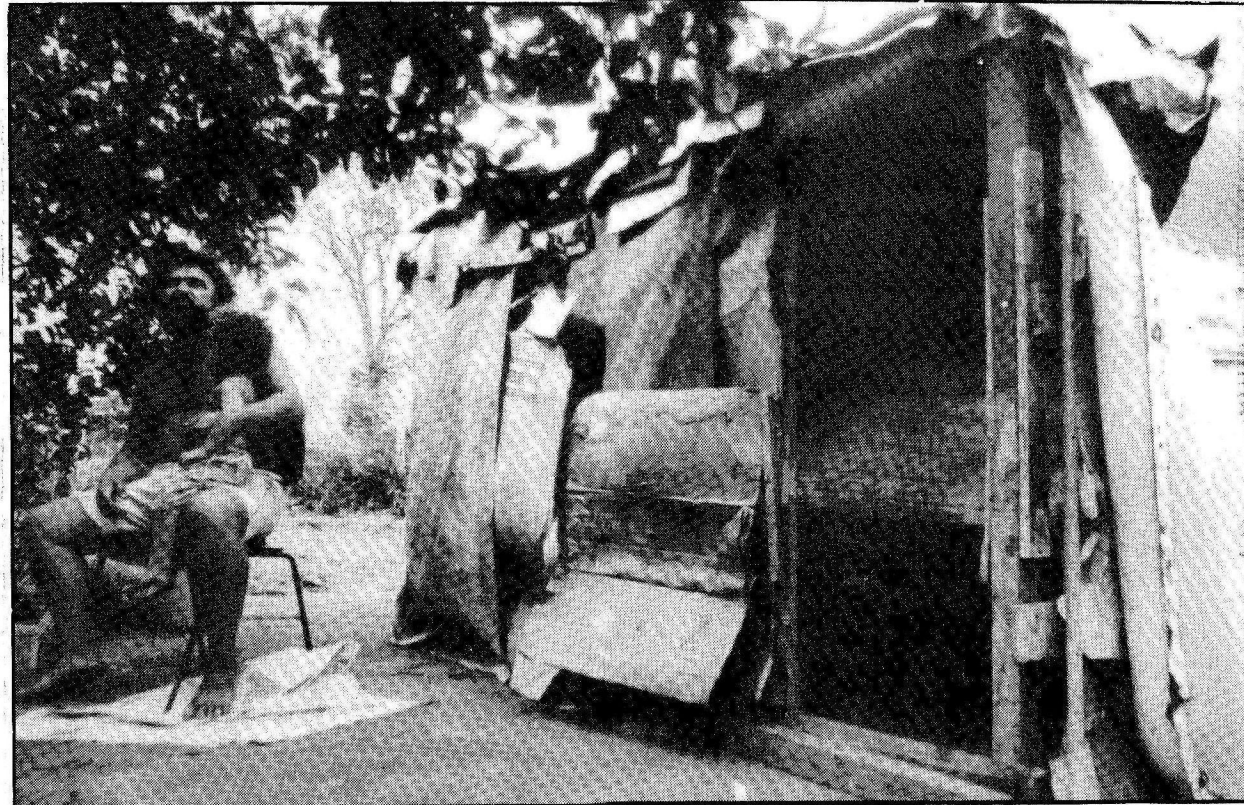


Diante da expectativa de fixação, o Acampamento da Telebrasília recebe novos moradores



A invasão do Ceub volta a se formar. Algumas famílias deixaram Samambaia

Invasões voltam a crescer

Acampamento da Telebrasília e Lixão recebem novos moradores. GDF combate a fixação



José Gomes está no Acampamento há uma semana

Luiza Damé

As áreas de invasões do Plano Piloto estão recebendo novos habitantes. No Acampamento da telebrasília — cuja fixação foi aprovada há dois meses pela Câmara Legislativa —, diariamente são construídos mais barracos, desagradando aos antigos moradores e aos líderes comunitários. Uma família admite que mora há um ano no Lixão (612 Sul), num barraco de madeira, com dois cômodos. Na invasão do Ceub existem cerca de dez barracos, alguns de pessoas que dizem ter recebido lote na Samambaia, mas ficam no Plano para trabalhar.

Segundo o secretário-adjunto de Comunicação Social, Wellington Moraes, o Grupo Especial de Fiscalização do GDF mantém um trabalho constante de remoção de invasões tanto no Plano Piloto como nas cidades-satélites. Para esta semana, por exemplo, está prevista a derrubada de barracos na Asa Norte, incluindo a invasão do Ceub, que volta a se formar. Alguns barracos abrigam moradores fixos, mas outros abrigam pessoas que vêm para o Plano em busca de trabalho.

“Eu vigio carro no Picanha’s (bar próximo ao Ceub). Domingo eu vou para o meu barraco na Samambaia. O que tiro não dá para pagar passagem todos os dias”, explicou Maria Rita Pereira, enquanto bebia cachaça com o artesão Carlos Roberto Camilo. Ele mora na invasão, juntamente com a mulher e dois filhos, há quatro meses, quando chegou a Brasília vindo da Paraíba, atrás de emprego. “Eu não me importo de sair daqui, desde que ganhe um lote”, afirmou.

Tolerância

Wellington Moraes ressaltou que há uma certa tolerância com relação ao Lixão, onde são montados barracos provisórios pelos catadores de papel e ferro velho. “Aquele pessoal vive da revenda desse material, por isso está sendo

permitido esses barracos com o controle para que não haja perigo de fixação”, esclareceu. Cláudia Loreano informou que ela e seu marido estão no local há mais de um ano, morando em um barraco de dois cômodos, com um filho de menos de uma semana. “Nós não temos condições de pagar aluguel”, argumentou Cláudia, cuja família mora no Gama.

O secretário-adjunto garantiu que os moradores fixos não poderão ficar no local, mas apenas aqueles que vivem do comércio de sucata. Entre eles, Altamira dos Santos, que sustenta a mãe com a venda de “boró” de pescar — espécie de isca encontrada nos aterros de lixo. “O barraco é só para me proteger da chuva. Eu chego de manhã e volto para casa no final da tarde”, contou.

Para o Acampamento da Telebrasília, as famílias vão em busca de um espaço para morar. “Eu via na invasão do Park Way e lá todo mundo me perseguia. Destruíam a minha plantação”, lembrou o aposentado José Gomes dos Santos, há uma semana no acampamento. A exemplo de José, outras pessoas estão erguendo barracos no Acampamento da Telebrasília, diante da expectativa de fixação da invasão. “Desde que o projeto foi aprovado aumentou o número de barracos”, constatou o vice-presidente da Associação de Moradores, João Almeida.

Almeida disse que já foram feitos contatos com o grupo de Fiscalização para derrubada dos barracos. O secretário-adjunto de Comunicação assegurou que serão fixados somente os moradores antigos cadastrados pela Shis, de acordo com o que foi acertado com as lideranças comunitárias. No local, os novos moradores são facilmente identificados, uma vez que muitos barracos ainda estão em fase de construção — com as paredes, mas sem proteção — e não possuem o símbolo e a numeração feita pela Shis. Esses barracos deverão ser removidos, conforme informou Wellington Moraes.